

GRANDE

REPORTAGEM

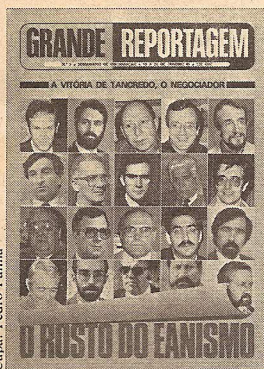
N.º 7 • SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO • 18 A 24 DE JANEIRO 85 • 120 ESC.

A VITÓRIA DE TANCREDO, O NEGOCIADOR



O ROSTO DO EANISMO

Cámar: Pedro Palma



Director: J. M. Barata-Feyo. **Chefe de Redacção:** José Júdice. **Colunistas:** António Barreto, António Osório, António-Pedro Vasconcelos, Maria Filomena Mónica e Vasco Pulido Valente. **Grandes repórteres:** Adelino Gomes, Fernando Gaspar, Miguel Sousa Tavares, Rui Araújo. **Portugal:** Gualdino Paredes (coordenador), Fernanda Garcia, Freitas e Silva, José Manuel Saraiva, José Paulo Fafe, Margarida Marante, Maurício de Carvalho, Osvaldo Cabral (Açores), Paulo Costa (Viagem), Rogério Gomes (Porto), Rui Gomes. **Mundo:** Seruca Salgado (coordenador), Ana Paula Rosa, Carlos C. Soares (Roma), Dominique de Vasconcelos (Paris), Joëlle Kuntz (Genebra), José Alves (Madrid), Luís Pinto Enes (Londres), Victor Soares (Bona), Yara Rodrigues (S. Paulo). **Economia:** António Fontoura (coordenador). Ana Cristina Leal, Rui Castro Mendes (Colaboradores). **Cultura** (Guia-a-dia e Civilização): Joaquim Furtado (coordenador), Carlos Oliveira (Ciência e Técnica), Margarida Bon de Sousa, Paula Torres de Carvalho. **Colaboradores:** Carlos Natividade Corrêa, João Miguel Barros (Artes Plásticas), António Gutierrez e Manuel Cintra-Ferreira (Cinema), Eugénio Alves e Mário Robalo (História), Alfacinha da Silva, Helder Moura Pereira e José-Alberto Marques (Livros), Bernardo Brito e Cunha (Música), Ana Rosado e António Augusto Barros (Teatro), Ricardo Pais e Vítor Bandeira. **Coordenação Artística:** Pedro Palma (coordenador), José Estevão (assistente), Amadeu de Sousa (paginação), António Duarte (arte-final). **Fotografia:** Luiz Carvalho, João Bafo. **Assistente de Direcção:** Zaida Tristão. **Secretária de Redacção:** Teresa Moutinho. **Documentação:** Ana Rosado e Teresa Pessoa. **Revisão:** José M. Goulão. **Director Financeiro:** Américo Ramos. **Direcção Comercial:** Carlos Saraiva (director), Lúcia Caniços. **Relações Públicas:** Fernanda Costa e Silva. **Propriedade:** Reporpress — Editora e Distribuidora, Lda. — Rua Rafael Andrade, 19-3.º — 1100 Lisboa. **Redacção, Administração e Publicidade:** Rua Rafael Andrade, 19-3.º — 1100 Lisboa. **Telefones:** 52 31 67, 52 31 09, 52 31 27, 52 30 85. **Fotocomposição, Montagem e Impressão:** Lisgráfica — Impressão e Artes Gráficas, S.A.R.L. — Casal Sta. Leopoldina — Queluz de Baixo. **Distribuição:** Distribuidora Jardim Publicações, Lda. — Quinta Pau Varais — Azinhaga de Fetais — 2685 Camarate — Telef.: 257 25 42 — Registo n.º 110194 — Dep. Legal 7288/84 — Tiragem: 40.000 exemplares.

GUIA-A-DIA

- Cinema
- Livros
- Música
- Artes Plásticas
- Teatro
- Saberes... e Sabores

REPORTAGEM

A morte lenta do «Século»

ENSAIO

Uma nova raça por António Pedro Vasconcelos

MUNDO

- A vitória de Tancredo, o negociador
- Missil explode na RFA
- Nova Caledónia à beira da guerra civil
- Inglaterra: Rebelião no Sindicato dos Mineiros

PORTUGAL

- A crise a marcar passo
- ASDI — Era uma vez um partido
- Linhas aéreas regionais — um LAR doméstico

ECONOMIA

- Orçamento: contenção de despesas e preocupação social
- O imposto invisível
- Thatcher: crise de confiança dos agentes económicos

CIVILIZAÇÃO

- Espanha lança «repopoamento vaginal»
- Fórmula 1: Piloto nacional, precisa-se
- Portugal à espera de 600 mil emigrantes
- Angel Crespo — Ouso fazer poesia em português
- DOCUMENTO: As aparições em Portugal
- HISTÓRIA: O Aquiles lusitano
- OS LIVROS de Vasco Pulido Valente — «O Romance da Raposa»

GRANDE REPORTAGEM

O rosto do eanismo

ENTREVISTA

Hermínio Martinho: com Eanes será fácil conseguir a maioria

E TAMBÉM

- Viagem ao Centro da Terra
- Konk
- Ciência e Técnica
- Passatempos e Bridge

« Vim para mudar » — disse o novo presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, aos milhões de pessoas que celebraram nas ruas a sua vitória. Mas apesar do entusiasmo e da esperança que irromperam em todo o Brasil, não vai ser fácil mudar um país devastado pela dívida externa, inflação e pela miséria. GR cobriu as eleições a partir de S. Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. **22**



16

19

22

22

25

26

27

28

28

30

31

34

34

35

36

36

38

38

40

42

45

46

50

51

51

55

55

55

55

66

66

66

66

66

66

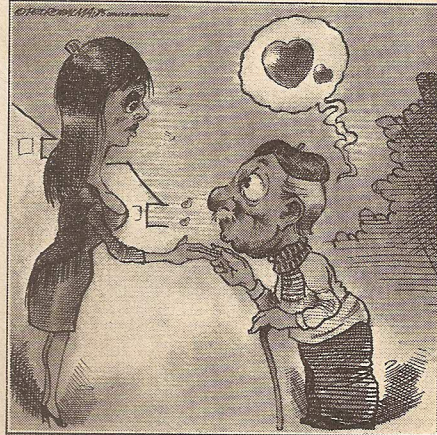
66

66

66

66

Salvar uma povoação da morte através de um «repopoamento vaginal» é a aventura em que se lançaram os habitantes de Plan, uma aldeia perdida nos Pirinéus espanhóis. Se no princípio o interesse pessoal motivou exclusivamente os solteiros de Plan, depois tudo se transformou num fenómeno sociológico alvo das atenções dos especialistas internacionais. Hoje o «repopoamento vaginal» de Plan é o último exemplo da força dos «media» e constitui uma alternativa para a morte das pequenas comunidades isoladas. **38**



O «senhor presidente da república» é o seu marco referencial. Pouco mais de meia dúzia em cada distrito, eles fazem nascer um novo iartido. Jornalistas da GR percorreram milhares de quilómetros por todo o país para verem, ouvirem, e darem a conhecer os eanistas da província. **55**





Algar da Lagoa (pormenor da parede Sul): debaixo da terra, um nunca mais acabar de descobertas.

Viagem ao centro da terra

O medo, senhores, é a mais ambígua de todas as emoções. E é medo, em estado puro e em todas as cambiantes, o que uma pessoa sente quando se prepara para descer pela primeira vez a uma gruta: medo do abismo, do escuro e da falta de espaço, medo de uma falha do equipamento a que se agarra a vida, medo de si próprio e do desconhecido. É a espeleologia, uma viagem diferente.

O Algar da Lagoa, uma gruta recentemente descoberta na Serra do Sicó, a trinta quilómetros ao Sul de Coimbra é uma das maiores salas subterrâneas até agora conhecidas em Portugal. São sessenta por cinquenta metros, as dimensões de muitos rossios de aldeia, mas algumas dezenas de metros debaixo do chão.

O acesso faz-se por um poço que desemboca no tecto da gruta. Dezassete metros de descida vertical, metade entre as paredes do poço e a outra metade, já dentro do algar, em suspensão nas cordas.

«Técnicamente, é de borla» — garante, enquanto se vai equipando, um dos espeleólogos. E recordam-se logo ali descidas a profundidades triplas daquela; fala-se em galerias labirínticas com vários quilómetros de extensão, de onde «quem não conheça, não sai vi-

vo», lembram-se passagens tão estreitas que «até a cabeça só cabe de lado», rememoriavam-se pernas partidas e outras desventuras.

Ao neófito surpreende primeiro a qualidade e quantidade do material e a seriedade posta na sua utilização. Porque, mesmo para uma descida que depois se comprovou ser fácil, a preparação é efectuada com o máximo cuidado.

São vários quilos de multicolorido equipamento, de inequívoca origem estrangeira, que se retiram das mochilas e agora se espalham pelo chão barrento.

Em primeiro lugar, e por cima do fato-macaco, cada espeleólogo enverga um arnês de segurança, composto de uma peça para o peito (o «baudrier») e de uma outra para a cintura e para as pernas (a «cinture-cuissard»). É com este arnês, um parente próximo do que utilizam os alpinistas, que doravante se

faz toda a segurança da exploração. Aqui se vai prender o descensor de roldanas fixas, através das quais passa a corda principal, e que impede uma descida demasiado rápida (é o chamado método do «rappel» com descensor). Seguem-se-lhe os bloqueadores, de que existem pelo menos quatro tipos diferentes, de acordo com o ponto em que se apoiam no corpo e a finalidade a que se destinam. Deslizando numa corda secundária, estes aparelhos, mecanismos de «homem-morto» de funcionamento relativamente simples, bloqueiam a descida mal são largados da mão. Impedem assim a queda, em caso de acidente, de desmaio ou de um erro por parte do utilizador. Cada espeleólogo leva dois ou mais, porque é também através deles que se pode efectuar a subida. E esta segurança é ainda acrescida por um mosquetão em liga de titâneo passado pela corda principal.

À cintura vai o saco com o martelo «de espeleio», o burilador para abrir buracos na rocha quando se pretendem cravar amarrações, as buchas e plaquetas para o mesmo efeito, os mosquetões de reserva e outro material suplente.

E ainda falta ligar o gasómetro, pôr o capacete e disparar o isqueiro incorporado para acender o bico de acetileno. Estes capacetes também são dotados de um interruptor «inteligente»: quando, por qualquer motivo, se apaga o bico de gás, uma célula fotoeétrica faz acender automaticamente uma lâmpada a pilhas.

Verificados uma vez mais os nós que prendem as cordas (especiais, de fibra leve e com dois mil quilos de resistência ao choque) e as escadas «de espeleio» a uma sólida árvore próxima, eis toda a equipa finalmente preparada para a descida.

Claro, trata-se apenas de uma vertical de dezassete metros, para mais sobrejamente conhecida, e que se podia até fazer pura e simplesmente pela escada. Mas assim equipados (não esquecendo o pacote de sobrevivência e as instruções de socorro no interior do capacete) os espeleólogos podem percorrer quase todas as grutas, sempre em segurança e na certeza de regressar.

Metro a metro, as sensações de quem desce pela primeira vez ao Algar da Lagoa:

O equipamento, agora uma confusão de cabos e de travões e de roldanas, incomoda, e é encarado com outra suspeição; o arnês parece apertado demais, e também incomoda; o capacete, pelo contrário, está largo, e não há meio de se conseguir acender o famoso isqueiro incorporado; definitivamente, é um incómodo; escorrega-se custosamente até à entrada da gruta, por entre os incitamentos dos mais experientes, e as mãos e o fato-macaco enchem-se de barro; vai ficando para cima e para trás a luz do dia, e é o negrume, que o amarelado do gasómetro não chega para cortar; o brilho da escada de duralumínio, o deslizar da corda por entre as roldanas e as vozes longínquas dos companheiros (ah!, a solidariedade) são agora os únicos sinais de actividade humana, à medida que se desce aos solavancos pelo poço, circunscrito entre as paredes de calcário enlameado, uma topada aqui, um joelho maltratado acolá.

Depois, é a sensação de vazio, a sensação de um grande espaço, que se alarga à medida que as luzes dos espeleólogos se espalham pelo interior do túnel. A meia dúzia de metros de altitude (exactamente!), olhar em volta até faz vertigens; e eis-nos finalmente no chão, se assim se pode chamar a este amontoado de calhaus que atapeta a gruta. Depois de um último esforço a desmontar o maldito equipamento, ressoa pela gruta o eco de um suspiro de alívio.



A espeleologia: é assim a preparação.



a descida,



a exploração,



...e a descoberta.

Fotos: M. Soares — P. Costa

Agora, as sensações de quem desce pela segunda vez ao Algar da Lagoa:

Com poucas palavras e o saber da experiência feito, enverga-se o arnês como a uma segunda pele, coloca-se o capacete e acende-se o bico de acetileno com o gesto seguro de um rotinado mineiro; desliza-se na lama que se acumula à entrada sem sequer sujar as botas, despedindo-se com desdém da luz do dia; percorre-se lentamente o poço, demorando o olhar em científicas curiosidades pelos sucessivos estratos calcários que se sucedem na parede e bloqueia-se a corda a uns oito metros de altura, para uma tranquila vista geral da gruta...

São cerca de dois mil e setecentos metros quadrados, uma vasta sala que se abre em anfiteatro (40° de inclinação média) e que vai terminar numa parede onde o calcário se depositou em estalactites (a partir do tecto) e estalagmites (a partir do chão) com vários metros de altura, e que se cruzam na parede em complicado bordado. Há estalactites excêntricas, em bandeira, com cristais de calcite, num nunca mais acabar de descobertas.

O Algar da Lagoa foi descoberto há alguns anos, depois do rodado de um camião ter feito abater parte do poço de acesso. Apesar de se situar em terreno privado, pertence por lei ao Estado, como aliás as cerca de setecentas e cinquenta grutas descobertas até hoje em todo o País.

A exploração comercial de algumas destas grutas faz-se por concessão, e por um período de tempo limitado. A abertura ao público deste algar — que bem poderia significar um futuro diferente para a vizinha aldeia de Ereiras — já foi encarada pela Câmara Municipal de Pombal, mas ainda não entrou em fase de estudos. Sabe-se no entanto que o tecto do algar não é suficientemente resistente para poder ser instalada aí uma passagem. Esta teria de ser realizada através da abertura de um túnel lateral, obra estimada nalguns milhares de contos. Mas, no entender dos espeleólogos a gruta, se bem aproveitada, pode proporcionar um belíssimo espectáculo: as suas estalactites são naturais, o seu tamanho impressionante, e não seriam necessárias nem lagos artificiais nem acrescentos de cimento armado para comover os visitantes...

Eles começaram por ser tomados na região por homens da electricidade, por causa dos seus fatos-macaco enlameados e do estranho equipamento que transportavam consigo. Depois, quando a população rural deu conta dos buracos em que andavam metidos, foram olhados com alguma desconfiança.

Hoje, quando o ruído do velho «Volkswagen» em que habitualmente se fazem transportar quebra a serenidade da aldeia, já ninguém estranha e todos vêm cumprimentá-los efusiva-

mente («ficam muito ofendidos se não paramos em todas as tascas ou se nos esquecemos de falar a alguém»).

Durante a semana, eles são professor do ensino secundário, um engenheiro, um estudante, um técnico de telecomunicações, um médico e um assistente universitário.

Ao sábado e domingo, sempre que podem («mais de metade dos fins de semana do ano»), envergam o fato-macaco e ei-los a correr grutas, na aventura das suas vidas.

«Quando éramos miúdos, com uma mesada de setecentos paus, andávamos sempre à rasca para fazer espeleologia» — recorda José Simões, o estudante universitário.

«Nessa altura — acrescenta Manuel Soares, o técnico de telecomunicações — «tínhamos só um cabozito de polietileno. Vinhamos da Redinha (a vila mais próxima, a 9 km) a pé para aqui, de mochila às costas».

Pela conversa, dir-se-ia até que foi há muito tempo. Mas José Simões tem 24 anos, Manuel Soares 26, e nenhum dos outros tem mais de trinta anos. Mas aquilo que há dez anos atrás era uma paixão um pouco amalucada de meia dúzia de adolescentes é hoje uma actividade quase cientificamente organizada e que movimenta cerca de trinta jovens de Aveiro e de Coimbra. Formam os núcleos de espeleologia da Associação de Estudantes da Universidade de Aveiro («somos vinte e muitos») e do Grupo de Investigação e Divulgação Científica Subterrânea de Coimbra («somos cinco, mais uns satélites»).

Uma constante, pelo menos, ao longo do fio dos anos: a pouca popularidade de que a espeleologia goza junto de mães, namoradas e irmãs, por causa dos fins de semana perdidos e... por causa da barreira que, inevitavelmente, tem que seguir-se a cada saída!

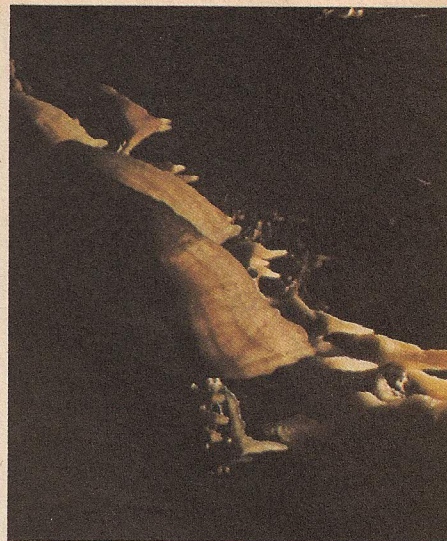
De simples visitas («turísticas»), depressa passaram a lidar tu cá tu lá com os complicados mapas geológicos dos calcários jurássicos. Agora, estão a concluir um exemplar reconhecimento físico, topográfico, biológico e geológico das grutas da região, num inventário que pretendem completo:

«Cada um de nós tem a sua especialidade — ensina Fausto de Carvalho, um engenheiro electrotécnico de 25 anos. A minha, por exemplo até é a a topografia...»

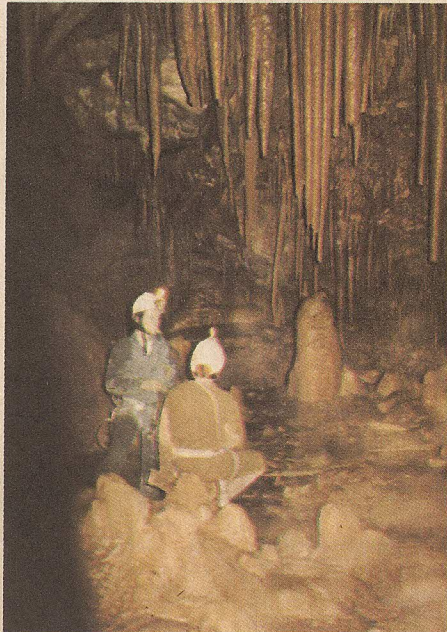
De teodolito às costas, ei-lo a percorrer com os amigos a Serra do Sicó, num «trabalho» (a expressão é deles) que estão quase a concluir.

«Ultimamente, temos vindo quase sempre para a Serra do Sicó, porque o maciço de Cantanhede está pronto e, em Penacova, só falta lá voltar para vermos umas coisitas que apareceram há pouco tempo...» — diz Manuel Soares.

De vez em quando, «vão até lá abaixo» a Mira d'Aire, ao maciço cal-



Algar da Lagoa: um nunca mais acabar de descobertas.



Sala subterrânea. Não esquecer o pacote de sobrevivência.



Estalactites. Formas torturadas.

cário estremenho. Mas também já visitaram algumas grutas do Alentejo e, até, da Madeira: no ano passado, o João Pupo de Almeida Correia, o professor do liceu, aproveitou umas férias lá para percorrer um filão basáltico com mais de dois quilómetros de extensão.

Agora estabeleceram-se na aldeia de Vagardo, a pouco mais de trinta quilómetros ao Sul de Coimbra. São quatro apertadas divisões de uma velha casa, situada mesmo no meio da aldeia, que estão a transformar em arrecadação e em camaratas. Tão só o suficiente para dormir no Inverno ao abrigo do frio e da chuva e estrelar uns ovos com presunto. Numa parede, as cartas topográficas e geológicas da região. Por toda a parte, cordas, escadas, material disperso, candeeiro de petróleo e latas de conserva, sinais de acantonamento. Porque tanto a casa-abrigo (cedida pela Junta de Freguesia local) como o velho automóvel (comprado por trinta contos num ferro-velho e sempre a precisar de mais um arranjo) apenas servem enquanto lhes facilitarem a descoberta das grutas da região.

«Normalmente, a nossa prospecção de grutas começa numa «tasca» — ensina o Fausto de Carvalho. «Falamos com as pessoas, cotejamos informações, pedimos aos agricultores que nos mostrem os locais. Também já tem acontecido descobrirmos algumas por prospecção directa — ao fim de uns anos, uma pessoa acaba por ganhar um certo 'faro' para isto — mas é difícil.»

Hoje, a população das aldeias circunvizinhas é francamente colaborante. Há quinze dias, até uma velha senhora saiu ao caminho para lhes indicar «um buraco» que tinha aparecido ao abrirem-se os caboucos de uma casa.

Fazendo parte de uma cadeia de afloramentos calcários que se inicia a Norte do planalto de Fátima e se prolonga até Coimbra, a Serra do Sicó (553 m) é rica em lapas (grutas horizontais) e algares (grutas verticais, por vezes muito estreitas e profundas).

A existência de grutas é, aliás, habitual em terrenos calcários, uma rocha pouco dura e permeável que a água das chuvas altera com facilidade. Geologicamente, toda a região pertence ao Jurássico Superior (terrenos com mais de 135 milhões de anos) e são numerosos e inconfundíveis os sinais de erosão química (a «carsificação») na paisagem pedregosa e árida da serra: campos de lapiás, dolinas, resíduos de argila, circulação subterrânea de rios, frequentes lapas e algares.

São estas grutas que os espeleólogos de Coimbra e de Aveiro andam agora a reconhecer, uma a uma, cuidadosa e organizadamente. Nem um «buraco» descoberto ao abrir caboucos deixará de ser detalhadamente inspecionado, antes de ser construída a casa. Só no ano passado, foram assim estu-

dados naquela área os algares da Costa, do Casal Espinheira, da Lagoa, da Carrasqueira e a lapa de Ereiras («Só à nossa conta, já descobrimos mais de vinte grutas diferentes»).

O resultado destes estudos (incluindo fotografias, corte e planta, descrição sumária, localização e particularidades) tem, depois, vindo a ser publicado anualmente pela Associação de Estudantes da Universidade de Aveiro. A revista chama-se «Espeleodivulgação». Existe desde 1982 e temas como as «técnicas e historial do mergulho subterrâneo», os «meios e métodos bioespeleológicos para a captura de cavernícolas» ou «a erosão e a formação das grutas nas regiões calcárias» são a rotina das suas páginas.

«Através das grutas podemos saber muitas coisas que cá fora não se vêem» — diz José Simões, neste momento a preparar um estudo da hidrogeologia do Maciço Calcário Estremenho. A circulação subterrânea dos cursos de água, por exemplo, é perfeitamente inacessível, a não ser através de furos caríssimos. Nós, com um pouco de sorte, temos acesso a eles.»

O nível tecnológico que mantêm é o resultado de muitas horas de investigação e de trabalho (na última descida, por exemplo, convenceram o Francisco Alte da Veiga, o médico do grupo, a preparar um trabalho sobre «espeleo socorro», assunto que os tratados médicos vulgares não referem, e que vai exigir uma larga pesquisa bibliográfica).

São trabalhos que colocam a espeleologia portuguesa ao nível do melhor que se faz no estrangeiro. Trata-se, contudo, de um esforço isolado: separados por velhas rivalidades sem sentido, os diversos grupos de espeleólogos existentes no nosso País trabalham cada um para seu lado, num «alheamento total» pelas actividades dos seus congéneres.

Não se sabe, nem por alto, quantos são, a nível nacional, os praticantes (as



A descida: Nunca fazer nada sozinho é a regra.

estimativas mais optimistas apontam para cerca de dois mil, as mais pessimistas para uma escassa centena e meia) e só agora se projecta a criação de uma Federação Portuguesa de Espeleologia: «Só então esta situação será substancialmente alterada» — acreditam estes jovens. «Impulsionada por grupos de todo o País — acrescentam — a Federação viria a uniformizar e melhorar o nível técnico dos espeleólogos portugueses, e a coordenar a nível nacional os trabalhos de índole científica».

«Aqui, em Aveiro, temos o apoio da Universidade — ainda que não oficialmente — diz Fausto de Carvalho. Temos professores que nos ajudam (o Rogério Bonifácio é assistente universitário), temos equipamento à nossa disposição para fazer análises e tudo isso, mas muito do trabalho que fazemos não tem seguimento e acabamos por ser nós a pagá-lo.»

«O grupo de Aveiro — acrescenta — recebe trinta, trinta e cinco contos por ano, no máximo, da Associação de Estudantes. É uma grande fatia do subsídio que eles recebem, eles até são muito simpáticos... «O trabalho que fazemos acabou por se impor — conclui Fausto de Carvalho — e agora podemos contar, para além da Universidade, com o apoio do presidente da câmara de Pombal e da Junta de Freguesia da Redinha. Foram eles que nos cederam a casa-abrigo. Mas...»

Mas só uma corda de cinquenta metros custa mais do que isso, e só deve ser usada durante dois anos. Depois, ainda há as luvas («dou cabo de umas em cada três meses»), o fato-macaco, o capacete, e todo o resto («qualquer um de nós tem que dispor de mais de trinta contos só para o seu material individual»):

«Dei-me ao trabalho de fazer as contas — interrompe o José Simões — há dois anos; em saídas, transportes, material, estudos, tudo isso, gastámos para cima de oitocentos contos. Recebemos trinta. São para aí vinte e tal fulamos a pagar o excedente...»

Para estes jovens de Aveiro e de Coimbra, sobra esse prazer de franquear abismos, de percorrer grutas e galerias onde nunca ninguém tinha posto um pé, descobrindo rios subterrâneos e frágeis cascatas delicadamente desenhados pela água no mais brilhante calcário... e, depois, o prazer de voltar à terra dos homens:

«Lembro-me, quando éramos mais novos — recorda Manuel Soares — que atravessávamos sempre a rua principal de Coimbra quando regressávamos da espeleologia...»

Vinham de capacete, mochila às costas e cordas na mão, cansados e enlameados, mas... de uma viagem diferente. ●

Paulo Costa